

O surrealismo em “Canção”, de Cecília Meireles¹

The surrealism o in “Song” of Cecília Meireles

Rosecler Aparecida Silva^{*}
Danglei de Castro Pereira^{**}

Resumo: O raciocínio surrealista prevê o distanciamento dos padrões ditados pelo sistema moral e vivencial da realidade imediata, propondo a representação das imagens oníricas na literatura em uma linguagem, muitas vezes, caótica que em muito se aproxima do fantástico e do sonho. O presente trabalho pretende investigar marcas surrealistas em Cecília Meireles, cuja visão de mundo induz a um olhar intimista no qual o real e o imaginário se tornam subsídios em seu processo de construção poética. A discussão é restrita ao apontamento de algumas marcas surrealistas, baseada na hipótese de que, dado ao seu ecletismo, Cecília Meireles mobiliza, no poema “Canção” um conjunto de características presentes na estética surrealista. A subjetividade intimista, assim como a adoção de um espaço caótico muito próximo do fantástico serão tomadas como argumentos em favor desta idéia.

Palavras-chave: Surrealismo, poema, sonho

Abstract: The surrealist reasoning predicts the distance from dictate standards by moral system and imediate reality existencial,proposoning the representation about dream pictures in the literature in chaotic language that is very close to fantanstic environment and dream.This subject intends to research surrealists characteristic by Cecília Meireles-one of the most important voices of brazilian Modernism,whose point of view about the world calls attention to na obervant look in relation to the real values,where the real and imaginary turn into matters by her poetry.The eclectic atyle is on the universal subject with philosophic reflection. Her indivaidual way of look the wordl and the man go through the assessment about the real universe,acquiring symbolic atmosphere that brings the presence of surreal characteristic.The proposal of this subject is restrict to show off some surrealist marks,base don the hypothesis that ,because her eclectic style,Cecília Meireles gathers,in her põem “Canção”.a group of characteristic that is present in surrealist aesthetic.The observant subjectivity,the adoption of chaotic space close to fantastic will be get as arguments in favor of this idea.

Key words: Surrealism,poem,dream

Introdução

O presente trabalho propomo-nos a pesquisar algumas marcas surrealistas no poema “Canção”, de Cecília Meireles. O texto em questão foi

¹ Este trabalho é uma versão modificada da Monografia de Conclusão de Curso “O Surrealismo em Cecília Meireles” defendida em dezembro de 2007 pela acadêmica Rosecler Aparecida da Silva, sob orientação do Prof. Danglei de Castro Pereira e apresentada à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

^{*} Graduada em Letras. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. claraandrade@yahoo.com.br.

^{**} Doutor em Letras. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. danglei@uems.br.

escolhido como *corpus* por apresentar, como será evidenciado nas discussões, uma estrutura poética que em alguns aspectos se aproxima da estética Surrealista. Lembramos, entretanto, que as considerações visam antes ambientar o leitor e apresentar a poeta para, posteriormente, situá-lo quanto à relevância das marcas surrealistas na poética de Cecília Meireles.

Apoiados na hipótese de que o ecletismo de Cecília Meireles não só filtra marcas surrealistas como também agrega um universo variado de influências, apontaremos a importância dessa autora para a diversidade da literatura brasileira, sobretudo quando situada dentro da poesia modernista brasileira. Nosso principal objetivo é, por um lado, comentar a importância da poeta dentro de nossa tradição literária e, por outro, discutir marcas surrealistas em sua poesia.

2. O Surrealismo: comentários

Os reflexos da estética surrealista podem ser rastreados na história da arte e da literatura do século XX, sobretudo quando pensamos na diversidade da lírica modernista que, em muitos momentos, retoma a tradição de forma tensiva e conflitiva. André Breton em uma entrevista comenta que a essência da estética surrealista antecede o movimento *Stricto Sensu*, pois é determinada pela postura reformista face à tradição perceptível em muitas produções poéticas ao final do século XIX e início do século XX. O Surrealismo introduz jogos sensoriais aos verbais aderindo a uma realidade conflituosa e tensa diante do real empírico. Menegazzo (1991, p. 19) comenta que a proposta surrealista insere a desrealização do real imediato ao rearticulá-lo em uma nova realidade, agora simbólica e tensiva.

A proposta de um novo enfoque de criação artística começa a se definir mais fortemente com Baudelaire, que introduz no fazer poético o processo de desrealização. Atribuindo a fantasia um papel primordial, tomando-a como processo que decompõe o objeto de criação para, em seguida rearticula-lo, criando uma nova realidade, Baudelaire antecipa um procedimento fundamental para estética moderna.

O aparecimento dos movimentos de vanguarda ao final do século XIX vem revelar a inadequação da linguagem artística do século XIX aos novos valores impostos pelos processos históricos, políticos, decorrentes dos avanços e das crises econômicas e ideológicas do final do século XIX e início do século

XX. Florescem então, algumas correntes artísticas com diferentes enfoques estéticos, dentre os quais está o Surrealismo, o objeto deste estudo.

Breton escreve em 1924 o primeiro manifesto do Surrealismo, pregando a liberdade da escrita automática que, fundamentada no inconsciente e na reorganização do real imediato, é. Pautada em uma nova organização dos signos e seus elementos significativos perdem a rigidez da estética mimética e da moralidade. A representação do real e de formas geométricas aproxima-se do ímpeto caótico do inconsciente humano. Segundo Alexandrian (1973, p. 11) o surrealismo exclui o maravilhoso elaborado sem a necessidade interior; é mais evocação de um possível completado pelo desejo e pelo sonho que a descrição do impossível.

O movimento surrealista valorizou exacerbadamente a elaboração onírica. O processo criativo teria que se basear nos componentes da obscuridade da mente, sem o filtro da lógica e desinteressada das amarras do raciocínio lógico cartesiano. O consciente aplica uma mutação das ideias inconscientes antes que venham à tona. O raciocínio surrealista prevê o distanciamento dos padrões ditados pelo sistema moral e vivencial da realidade imediata, a libertação dos sentidos. A representação de imagens oníricas e alucinações recebem o nome de automatismos gráficos e são citados na literatura como uma linguagem caótica que em muito se aproxima do ambiente fantástico e do sonho.

A arte espacial remete aqui o extravio das coisas e sentimentos, que são removidos de sua segurança e transferidos a lugares absurdos e não convencionais. A escrita automática se equipara à liberdade infantil e a liberdade formal ocupa posição de destaque.

A infância, provavelmente o que mais se aproxima da verdadeira vida; a infância a além da qual o homem só dispõe, afora o seu salvo conduto, de alguns bilhetes de entrada grátis; a infância na qual, tudo concorria para a posse eficaz e sem riscos de si mesmo. Graças ao surrealismo parece que estas oportunidades estão de volta. (BRETON, 2002, pág. 256)

As teorias de Freud como consciência, pré-consciência e inconsciência, são filtradas pelo espírito surrealista. A fundamentação da linguagem surreal, como afirma Menegazzo (1991, p. 115), pode ser obtida na expressão de uma realidade individual modulada por sensações oníricas que tem no sonho um dos maiores exemplos.

O maravilhoso tende a fundir o fantástico dentro da tradição surrealista. Os surrealistas utilizam o real modulado por um processo de transcendência. Em outros termos, o real é transfigurado os mecanismos utilizados nesse processo, muitas vezes, são o sonho e o símbolo. Conforme Menegazzo (1991, p. 115) o universo onírico se apresenta desprovido da lógica e racionalidade, posto que é constituído de imagens e lembranças que permanecem sublimadas e que precisam ser libertadas.

Podemos perceber o predomínio do inconsciente, do sonho e de imagens nele projetadas automaticamente, criando um universo complexo no qual as fronteiras entre o real e não real se aproximam. O humor, a loucura, o devaneio poderiam ser exprimidos pelas transformações dos estados oníricos através da linguagem pictórica ou textual, como comenta Menegazzo (1990, p. 118) nas poéticas de vanguarda, que todas as formas de expressão surrealista têm como princípio unificador a imagem. Nesse processo, constata-se, que a escrita remete plasticidade.

A linguagem é uma das questões fundamentais para o surrealismo, que procura resolvê-la primeiramente em seu aspecto verbal e depois *pictural* e plástico. Envolve pressupostos ideológicos e históricos. Por meio de uma variedade de técnicas, procura demonstrar que a linguagem “foi concedida ao homem para fazer dela um uso surrealista” como afirma Breton no manifesto de 1924. (MENEGAZZO, 1991, p. 112.).

A construção textual leva a formação de imagens, que por sua vez proporcionam a plasticidade discursiva, elemento relevante na poesia surrealista. A essência poética surrealista está no ímpeto de imagens do eu profundo. O “Eu profundo” é definido por Kant (*apud* Chiampi, 1988) como representação essencial do eu-imediate. Por “Eu imediato” Kant compreende a face empírica socialmente reconhecida do Eu. No “Eu profundo” encontraríamos as representações ideológicas e culturais que sintetizariam a essência humana.

A poesia surrealista vem marcada pela livre associação ou dissociação das ideias proposta pelo universo imaginário. A escrita automática, permitiria, seguindo as ideias de Breton, o contato com os valores do “Eu profundo”. Nesse sentido é que encontramos a busca surrealista pela transcendência. A expressão do inconsciente implica na extrapolação de aspectos sonoros e semânticos imediatos à significação do signo linguístico. O lúdico e a desconstrução do real imediato são caminhos trilhados pelo surrealismo para chegar à essência humana cifrada no “Eu profundo”. A fusão de realidades distintas para a

construção de uma nova realidade projetada a partir da realidade convencional ou empírica como prega Breton em seu manifesto de 1924.

Surrealismo: automatismo psíquico em estado puro mediante o qual se pode exprimir verbalmente, por escrito, ou por qualquer outro meio, o funcionamento do pensamento. Ditado do pensamento suspenso qualquer controle exercido pela razão, alheio a qualquer preocupação estética e moral. (RAYMOND, 1997, pág. 246)

Defendemos a hipótese de que tais traços podem ser encontrados no poema Canção de Cecília Meireles. Argumentamos em favor da ideia de que nesse poema o eu lírico constrói uma realidade insólita que em muito quebra os parâmetros compreendidos no real imediato e um dos mecanismos para essa construção pode ser encontrado na presença de traços surrealistas nesta obra.

Antes de discutirmos os traços surrealistas na poética de Cecília Meireles, achamos pertinente apresentar alguns comentários sobre a vida e obra da poeta, fato abordado na próxima sessão deste trabalho.

3. Cecília Meireles

Cecília Benevides de Carvalho Meireles foi uma das mais importantes poetisas do Modernismo brasileiro. Seu aparecimento para a literatura coincide com a Semana de Arte Moderna de 1922. Apresentada pelo grupo de escritores católicos que defendiam a renovação das letras, a jornalista e pedagoga constituiu-se como uma das vozes representativas da lírica modernista brasileira. Dotada de uma consciência criadora singular, Cecília Meireles dinamizou o processo de criação literária no Modernismo brasileiro ao apresentar uma poética heterogênea que muitas vezes retoma a tradição subjetiva dos românticos, alinhando a essa emotividade um rebuscado jogo imagético, nota singular de sua poesia.

Sua poesia induz a um olhar intimista frente aos valores reais imediatos, provocando a fusão entre real e imaginário. Esse olhar subjetivo frente ao real torna-se um importante subsídio às suas criações poéticas. Para Cecília Meireles, em nota biográfica reproduzida por Damasceno (1998, p. 58),

[...] noção ou sentimento de transitoriedade de tudo é fundamento mesmo da minha personalidade. Creio que isso explica tudo que tenho

feito, em literatura, Jornalismo, Educação e mesmo Folclore. Acordar a criatura humana dessa espécie de sonambulismo em que tantos se deixam arrastar. Mostrar-lhes a profundidade. Sem pretensão filosófica ou de salvação, mas por uma contemplação poética afetuosa e participante. (DAMASCENO 1998, p. 58).

Cronologicamente associada à segunda geração modernista, Cecília filtra as inovações da fase heroica do modernismo e incorpora uma poesia mais erudita que em muito retoma o vigor de composições passadistas do início do século. Em *Viagem*, Cecília expõe o que há de predominante em sua obra: o ecletismo. O ecletismo se mostra no tratamento de temas universais, permeados pela reflexão filosófica e onírica. Como comenta Mário de Andrade (2002, p.165), o ecletismo é o maior traço dentro da sua poética.

A efemeridade das coisas e do tempo, bem como a adoção do sonho cria um espaço reflexivo na expressão poética de Cecília Meireles. Esse olhar conturbado e, por vezes, intimista, contribui para o surgimento de imagens insólitas em sua poética. Sua forma individual de olhar o mundo e os homens passa por uma reavaliação do universo real, criando ambientes simbólicos que em muito denuncia a presença dos traços surrealistas em sua obra.

A riqueza expressiva de Cecília pode ser encontrada em um misto de tradição, modernidade e universalidade. A autora, em entrevista a Damasceno (1998), comenta que:

Tivemos um pequeno classicismo que era atual, como herança portuguesa; fomos uns românticos muito aceitáveis, embora com algum atraso, não nos livramos das várias escolas que se sucedem na literatura universal. (DAMASCENO, 1998, pág. 68)

Deve-se ressaltar que a proposta da presente discussão é apontar algumas marcas surrealistas na obra de Cecília Meireles e, por isso, não nos deteremos em uma caracterização pormenorizada da obra da poeta. Acreditamos que dado ao seu ecletismo Cecília Meireles mobiliza, no poema “Canção”, um conjunto de características presentes na estética surrealista. Os passeios pelo inconsciente, a subjetividade intimista e a adoção de um espaço caótico muito próximo do fantástico serão tomados como argumentos em favor dessa ideia.

Segundo Menotti Del Picchia (*apud* Damasceno 1998, p.45) a hipersensibilidade dessa artista parece retrair-se, mal tange as realidades exteriores.

O real individualizado cria uma poética que por vezes se aproxima do irracional. Tal característica aproxima-se da representação do inconsciente como fator que remete à teoria surrealista de Breton (2001, p. 40). Nuno Sampaio (1998) comenta que

A outra fonte de Cecília Meireles aproxima-se do purismo sobrenatural dos surrealistas e o despreconcebido e espontâneo destes ajusta-se perfeitamente ao primitivismo lírico do cancionero; toda pureza e sobre naturalidade da obra de Cecília, o seu próprio êxtase, sereno, natural, sonhador, deveriam tender para a ascendência e a realização “não comandada”. (SAMPAIO, *apud* DAMASCENO, 1998, p. 49).

Baseados nas colocações feitas até este momento, podemos dizer que o surrealismo ceciliano permeia o território extremado de símbolos e distorções da realidade. O mecanismo mais recorrente é a utilização do material fornecido pela vivência individual da autora filtrado por um processo íntimo, mas consciente de base memorialística. Dessa forma, o lirismo de Cecília Meireles cria uma fluidez expressiva de ordem individual. Muitos poemas são compostos de substâncias efêmeras como lembranças, sonhos e distorções da realidade imediata. Esses elementos se desfazem e se reconstruem em uma tênue observação do real. Imagens como o céu, o mar, as nuvens, as estrelas, as montanhas, e, sobretudo, o sonho são largamente utilizadas nos poemas de Cecília.

O eterno e o efêmero, vistos com a mesma intensidade, transportam o real para um estado individualizado movimentado por aspectos da realidade e do sonho. Esse percurso caótico contribui para a presença de traços surreais na obra da poetisa. Para o crítico Cunha Leão a linguagem de Cecília Meireles

[...] cairia em fatal monotonia se não os manejasse magistralmente nos seus versos transfigurados, arrastados em dinâmica psíquica para ambigüidades estranhas. Por muito vistos que sejam as nuvens, o céu e o poente, o número de combinações é o infinito e, muito que tenha vivido quem os observe sofre não obstante frequentes emoções. (LEÃO, *apud* DAMASCENO, 1998, p. 41).

A forma caótica como a poeta lida com as descrições espaciais é um argumento em favor da presença de traços surrealistas em sua poética. O real ganha transposições de temporalidade e de espaço em sua poesia. O resultado é um espaço insólito, muito próximo do fantástico e do sonho. Como destaca Menotti Del Picchia:

Cecília Levita como um puro espírito, nos seus transe de inspiração, na linha demarcadora que limita o consciente objetivo e o sensitivo subconsciente lírico, místico e imaterial. É essa instabilidade entre dois mundos que forma a constância do mistério da sua poesia. (PICCHIA *apud* DAMASCENO, 1998, p.46).

Podemos dizer que a consciência do objeto concreto e a percepção sensitiva da realidade, agregados à manipulação do real imediato são fatores preponderantes na construção poética de Cecília Meireles.

Apresentadas essas considerações preliminares sobre o Surrealismo e a obra poética de Cecília Meireles, é possível iniciar o objeto de nossas investigações: as marcas surrealistas no poema “Canção”. Para tanto, fixaremos nosso olhar na leitura do poema e, na medida do possível, apontaremos as singularidades estéticas comentadas ao longo de nosso raciocínio analítico.

4. Marcas surrealistas no poema “Canção”

O poema “Canção” assim como muitos outros poemas de Cecília, apresenta uma realidade factual insólita, na qual “sonhos” naufragam em um navio. Nesse poema, Cecília desfaz liricamente uma realidade para criar outra realidade, marcadamente onírica.

Canção

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
- depois, abri o mar com as mãos
para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas,
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho, dentro de um navio...

O surrealismo em “Canção”, de Cecília Meireles

Chorarei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito:
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas.

Observa-se que à medida que o poema evolui os elementos ligados ao real imediato vão se desintegrando e originando outros. Os signos referenciais *navio, mãos, mar* aparecem deslocados em um ambiente no mínimo estranho. O primeiro verso traz em si uma relação paradoxal: o sonho é colocado em um navio. Esse “sonho” deslocado para um real (ficcionalizado) é posto no mar para posteriormente naufragar. Essa relação é um argumento em favor da presença de marcas surrealistas no poema uma vez que esse processo criativo entra em consonância com a transmutação do real proposto por Breton (1924) em seu manifesto surrealista.

Ainda concordando com Breton (2002) a metamorfose está relacionada ao aspecto onírico que predomina no texto. O sujeito se abstrai da realidade empírica e adentra em uma reflexão individual. Como comenta Raymond (1997), acerca desse processo:

O sujeito deve abstrair-se de toda realidade ambiente, fechar na medida do possível, as portas (os sentidos) que abrem para o mundo exterior, adormecer a razão de maneira a manter-se em estado vizinho do sonho, depois escutar e escrever, escrever seguindo o movimento acelerado do pensamento. (RAYMOND, 1997 p. 246).

O poema apresenta uma estrutura individual e, por isso, transfere as ações ao universo real para o insólito permeado pela fantasia e pelo sonho. Esse novo espaço remete à ideia de desrealização, no qual é possível constatar a presença de caracteres da estética surrealista no poema. Para Alexandrian (1973, p. 51) o Surrealismo ergue-se contra o mundo das aparências, mas não se contenta em negá-lo com veemência, quer substituí-lo pelo mundo das aspirações individuais.

O sonho é mobilizado como um fenômeno de ordem subjetiva e, por isso, representa componentes recheados de fantasia. Isento de vigília e desprovido do raciocínio lógico cartesiano, o sonho é largamente utilizado na estética Surrealista. Conforme Damasceno (1998, p. 45), a obra de Cecília Meireles cria um mundo subjetivo bem próximo do irracionalismo proposto pelos surrealistas. Podemos então, pressupor que a compensação fantástica no processo criativo do eu-lírico parte da realidade pré-existente, mas constrói uma lógica vivencial rearticulado com ações imediatas e sensações subjetivas para desrealizá-las.

Nesse sentido o *eu-lírico* possui papel do protagonista que move o sonho até o naufrágio. O sujeito põe seu “*sonho num navio e o navio em cima do mar*”. Em seguida abre o mar com as mãos para que o sonho naufrague. Identifica-se nessa construção a ausência da lógica tradicional, pois, em termos empíricos, é impossível abrir o mar com as mãos, fato que parece relevante como um dos traços surrealistas presentes em Cecília Meireles.

Nessa estrofe o sujeito deixa explícito o desejo de que o sonho venha a afundar e descreve como manipulação dos elementos reais até o ápice da desconstrução do mesmo. Não nos debruçaremos, neste trabalho, em discutir os aspectos ideológicos e as referências sociais presentes no poema. Para tanto, seria necessário aproximar a composição de dois poemas também intitulados “Canção” dentro da obra cecilianiana, fato que ultrapassa as intenções desta reflexão. Ressaltamos, entretanto, que fica latente o processo gradativo do que podemos denominar por “desentimentalização” presente no poema.

O sonho, nessa linha de raciocínio, pode ser entendido metaforicamente como um símbolo de características como amor, liberdade, dor, ódio, ou seja, como metáfora do que caracteriza a humanidade no sujeito, no Homem. Essa linha de leitura ganha força ao aproximarmos o texto aos dois poemas citados. É nesse sentido, que se constrói a angústia do eu-lírico no texto. A consciência ou decadência induz a presença da ironia observada na última estrofe. O “perfeito” impele à retirada da vida ou ao apagamento desses traços humanos contidos no eu profundo. Esses traços formadores da acepção humana abarcam, para tentar sintetizar as colocações kantianas, o que caracteriza o Homem como ser individual e social.

A ironia comentada há pouco pode ser observada na associação da “*praia limpa*” com águas “*ordenadas*” as “*mãos quebradas*”. Em suma, o sujeito tem consciência da descaracterização do traço humano, contido no

processo consciente de abandono, “afogamento” do sonho. Outra possibilidade interpretativa pode ser colhida na abordagem efêmera da relação onírica presente na evocação do sonho. Como nossas colocações se restringem aos comentários sobre traços surrealistas no poema, é pertinente apontar essas possibilidades temáticas, mas nos fixaremos na compreensão do aspecto surreal mobilizado pelo eu poético no poema “Canção”.

Poder-se-ia questionar quem é o sujeito que almeja afogar o sonho e porque o faz? As ações e construções se apresentam liricamente como reflexões de um espaço de tempo que desliza a partir da primeira estrofe. A resposta à pergunta proposta parece apontar para a desilusão do eu - lírico com seu sonho, sua humanidade e, portanto, leva a construção de um *eu-lírico* coletivo que assume conotações universalizantes, é o Homem em seu sentido onírico que parece ser o responsável pelo “afogar o sonho”.

Em “*minhas mãos ainda estão molhadas/ do azul das ondas entre-abertas*” é possível visualizar a plasticidade, outra característica surrealista evocada no poema. O eu lírico cede ao fantástico, como forma interiorizar o real. Damasceno (1998, p. 21) comenta que:

Da finura dos instrumentos de apreensão do poeta lhe advém à capacidade de perscrutar singularmente o mundo físico, captando neste o raço imperceptível, a qualidade oculta, como também a faculdade de convulsionar a lógica discursiva, renomear seres, transmutar-lhes atributos, confundi-los todos e, do caos, dar ordem a novo mundo, onde as coisas renascem sob o signo do artífice: liquefaz-se a cor, sonoriza-se a luz, tangencia-se o aroma e o ar se encrespa.

É possível paralelamente a discussões temáticas que adentram a desconstrução poética e o significado do poema, estabelecer o cromatismo visual de imagens projetadas das construções do poema. Menegazzo (1990, p. 128) comenta que a imagem surrealista da poesia decorre da fusão arbitrária de realidades distintas através do jogo de palavras em seus aspectos sonoro e semântico. Há evocação visual, auditiva, tátil e sensorial que remete liricamente ao universo insólito dentro do poema. As imagens aqui projetadas são pintadas no quadro mental da composição. A esse respeito nos diz Raymond (1997, p. 248)

É fato que a maioria dos textos surrealistas se apresenta como um desenrolar quase ininterrupto de imagens que oferecem um traço

comum, não importa qual seja sua natureza, que consiste em desafiar o bom senso.

Todo o poema expressa imagens acústicas projetadas dos respectivos significados e significantes, mais uma característica surrealista mobilizada. O resultado são sinestésias que fazem a leitura textual estar agregada paralelamente à leitura visual:

Desta forma, a imagem na poesia surrealista é um meio de conhecimento, uma vez que permite ao leitor extrapolar as fronteiras do real e retomá-lo na sua essência, seja pelo insólito, pela sintaxe incomum ou pela transgressão lógica. Uma outra existência se torna possível. (MENEGAZZO, 1991, p. 119)

Em “*o vento vem vindo de longe e a noite se curva de frio*”, o arranjo poético aponta para a expressão de uma imagem distante do real imediato. A personificação da noite que sente frio confirma a presença da incoerência lógica nas imagens evocadas no poema. Em “*debaixo da água vai morrendo meu sonho dentro de um navio*” o naufrágio começa a acontecer. O sonho vai se desfalecendo vagarosamente, e é nessa fração de tempo que o *eu-lírico* faz a reflexão e visualiza o futuro de suas ações almejadas.

Podemos dizer, então, que a construção espaço/temporal no poema opera a transfiguração lírica a custo de uma incoerência lógica por meio da contradição, do paradoxo face ao real. Essa postura muito comum na estética Surrealista, sobretudo, nas artes plásticas como em René Magritte, Salvador Dali, Portinari, Di Cavalcanti, entre tantos outros, pode confirmar mais um traço surrealista presente no poema.

Segundo Raymond (1997, p. 248), o eixo opositivo é predominante no poema paradoxalmente se constrói um universo lírico mobilizando elementos concebidos pela imaginação criadora fornecida pelo consciente objetivo do *eu-lírico*. É por esse prisma que podemos perceber no processo sensitivo e na manipulação do real imediato as marcas surrealistas em discussão. A aproximação ao fantástico é mais um elemento surrealista perceptível ao poema. A respeito disso, comenta Vincent Jouve (2002, p. 98):

Em vez de procurar uma coerência, a leitura, ao contrário, pode se preocupar em jogar com as oposições e contradições de um texto. De qualquer modo, é a prática do “desconstrucionismo”: não se trata de procurar unificar o texto relacionando-o com uma intenção, mas sim de fazê-lo explodir desconstruindo-o.

O espaço caótico disperso por todo poema apresenta pontos ambíguos, em relação à espacialidade no poema. Há a tensão entre as ideias e ambientes simbólicos notados quando o eu lírico mobiliza o sonho, para chegar à ironia no aparente equilíbrio após o fim do sonho “*depois tudo estará perfeito, águas lisas e praias ordenadas*”. O caminho da “perfeição” está na desconstrução do real e na construção do simbólico, característica dos processos criativos do surrealismo, mas que aqui são introspectivos e afirmam a fragmentação do sujeito-poético consciente do que poderíamos compreender como desumanização do sujeito.

Em “*meus olhos secos como pedras e minhas duas mãos quebradas*” as ferramentas manipuladoras de todas as ações se tornam inúteis, o sonho já se apresenta no naufrágio. Há uma gradação de ideias que se intensificam e se apresentam paradoxalmente ilógicas. É possível estabelecer a função da desconstrução poética à desrealização das formações individuais no eu lírico. O sonho é desrealizado cedendo lugar ao próprio sonho como produtor de sentido. Aqui podemos compreender uma das mais importantes características do Surrealismo presente no poema ceciliano. Como percebemos, seguindo as colocações de Breton (apud Raymond, 1997, p. 243) acerca de seu manifesto:

O surrealismo, no sentido amplo, ao que a vida tem de mais precário, a vida real, entende-se, que por fim essa crença se perde. O homem esse sonhador definitivo dia a dia mais descontente com seu destino, dá com dificuldade à volta nos objetos que foi levado a usar, e que conseguiu por sua displicência, ou seu esforço, quase sempre seu esforço, pois consentiu em trabalhar, pelo menos não recusou tentar sua sorte (o que ele chama de sorte).

Levando em consideração os comentários feitos até este momento do trabalho, podemos identificar a presença de marcas surrealistas. O espaço próximo ao fantástico apresenta pontos construtores ambíguos, que são dualísticos entre as ideias e ambientes simbólicos mobilizados pelo *eu-lírico*. A construção de uma nova realidade, agora individualizada é outro argumento em favor da confirmação de nova hipótese do trabalho. Nesse sentido, acompanhando a leitura apresentada, podemos dizer que Meireles filtra traços surrealistas no poema em discussão.

5. Conclusões

Com o presente trabalho nos propomos a identificar as marcas surrealistas no poema “Canção”, de Cecília Meireles. Fizemos um comentário geral acerca da vanguarda surrealista e nos esforçamos em identificar e discutir as marcas surrealistas no poema. Apontamos aspectos que se aproximam da estética surrealista e abordamos particularidades presentes no poema selecionado como *corpus*. O percurso possibilitou estabelecer a função da desconstrução poética à desrealização das intrigantes formações da alma do eu lírico. O sonho entendido como metáfora da humanidade humana, perdoado o pleonasma necessário, é elemento que expressa a fragilidade do sujeito-poético no texto.

Constatamos que a construção do poema opera a transfiguração lírica a custa de uma incoerência lógica por meio da oposição ao real e transmuta a realidade empírica atribuindo ao poema o teor reflexivo que caracteriza a poética de Cecília Meireles.

Referências

- ALEXANDRIAN, Sarane. – **O Surrealismo**. 815 ed. Cacém – Portugal, Ed. Verbo, 1973.
- ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinhos**. 4 ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 2002.
- BRETON, André. **Manifestos do Surrealismo**. Rio de Janeiro, Ed. Nau, 2001.
- DAMASCENO, Darci. Cecília Meireles. In.: MEIRELES, Cecília. **Obra completa**. 3 ed. Rio de Janeiro, Ed. Aguilar, 1998.
- JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo, Ed. Unesp, 2002.
- KANT, Immanuel. Apontamentos in Chiampi. **Fundadores da modernidade**. São Paulo, Ed. Ática, 1998.
- MENEGAZZO, Maria Adélia. **Alquimia do verbo e das tintas nas poéticas de vanguarda**. Campo Grande, Divisão de Editoração e Programação Visual/ACS/UFMS, 1991.
- RAYMOND, Marcel. **De baudelaire ao surrealismo**. São Paulo, Ed. Edusp, 1997.

Recebido para publicação em 15 set. 2009

Aceito para publicação em 03 dez. 2009